A ESQUINA

Gugu Keller

Para J.C.I.

1

São Paulo.

Sábado, 19 de julho de 2008.

Natália olha pela janela do 12° andar. Através do vidro, observa a cidade cinza, seca e fria numa tarde típica de inverno. Relembra aquela noite fatídica e, autopiedosa, analisa num amargo flashback a vida que tem levado nos últimos cinco anos, se é que de vida, pensa, a pode chamar. Dor, desespero, privação e, por outro lado, desejo. Um louco e rebelde, muitas vezes quase incontrolável, desejo. Desejo, desejo, desejo, desejo. Muito, muito, muito

desejo. E, sempre dele conseqüente, culpa. Culpa, culpa, culpa, culpa. Tanta quanto o desejo, culpa. Uma constante, insistente e dilacerante culpa.

O perfume agradável e sedutor que Rodrigo usa, possivelmente mais por toda essa situação tão acumulada dentro dela do que pelo seu próprio aroma, parece-lhe ter tomado conta do ambiente. Natália o respira e treme. Nunca pensou que, mesmo agradabilíssimo, um perfume um dia lhe causasse vontade de chorar. Precipício. Ela olha pela janela e vê uma esquina. E pensa na esquina. E pensa que talvez pulasse. E oxalá caísse sobre a esquina. A esquina que vê, a daquela noite, aquela esquina, qualquer esquina. E tomara, pensa ainda, tudo tivesse sido diferente. Sim. Tomara aquela esquina, a daquela noite, tivesse sido o fim. Não o fim que foi. Não. Um outro fim. Um fim em que tudo tivesse acabado. Mas um tudo tudo, e não apenas o tudo que acabou mas com que começou todo esse nada, culpa e desejo, tão angustiantemente torturante.

Um minuto, dois, três. Mesmo sem ainda o ver, de pé ele no meio do quarto, Rodrigo sabe que, de pé ela ainda diante da janela, Natália chora. Ele não vê as suas lágrimas mas, como se uma chuva quente vidro afora fossem, inconfundivelmente as pode sentir. Quatro minutos, cinco, e ele lhe diz...

- É melhor eu ir...

Faz-se uma pausa. Ela não reage. Ele acrescenta...

- Quem sabe um outro dia...

Outra pausa. Quatro segundos, cinco, e lentamente ela se vira. A proficuidade das lágrimas, ele agora as vê, impressionam. Banham bochechas, queixo e quase pescoço. Igualmente já tendo em seu íntimo uma considerável hipótese de pranto, Rodrigo se sente, ela jamais o saberá, também algo culpado por entrementes ter o pênis em ereção. Mas, perto dela, de culpa ele não sabe nada. Ela sim, uma vez mais, e já mais do que jamais, por ter a vagina inadiavelmente umedecida, sente uma culpa meio que espada, a, de um modo insaciável, com brutalidade lhe furar e fazer sangrar, vísceras, vasos, mucosas e tecidos.

Outros segundos, cinco, dez, quinze talvez, que a ambos parecem durar horas, e ele diz, num tom de já despedida...

- A gente se fala...

Um olhar recíproco. Precipício. Esquina. Esquiva. Mais um, dois, três segundos/horas e ele se vira empenhando um primeiro passo na direção da porta. Natália sente um tranco no peito. Como se se rasgasse corpo e alma, a alma afinal janela abaixo e o corpo enfim quarto e mundo adentro, ela parte para cima de Rodrigo como uma fera faminta diante da presa. Quase assustado mas de óbvio bom grado, ele, que já ia rumo à saída, sente os passos bruscos e para ela de novo se vira. Ela literalmente pula contra ele e o beija com loucura e violência, num encontro entre as bocas que quase chega a quebrar dentes. Empurra-o contra a parede, onde ele se encosta, e segue a o beijar com indescritível desespero. Literalmente morde-lhe lábios e língua, e crava-lhe as unhas no pescoço a ponto de

o fazer sanguinolentamente avermelhar. Orelhas, cabelos, ombros, braços. Tanto ela o quer que já quase já devora. Beija, morde, apalpa, arranha, soca. Sua, baba, lacrimeja. A camisa que ele usa tem cinco botões, três dos quais a estão fechando. Em dois puxões ela os arranca todos e a traz para baixo de um modo que, se Rodrigo não cooperasse com a operação, decerto a rasgaria, faria-a em trapos. Ela passa as unhas contra a barriga dele. Sente os pêlos, a pele, o calor. Ofegante, olha-lhe dentro dos olhos com um olhar que quase o atravessa e sai pela nuca. Um olhar que nunca ele viu e nem ela se saberia capaz de lançar. Agora ela baixa a sua mão direita e, por sobre a calça jeans que ele usa, aperta o volume pétreo. Faz com tamanha força que, se ele não entendesse e não fizesse parte da louca razão de tudo aquilo, decerto indignado protestaria de dor. Então, como se se rendesse a rendição mais necessária de sua vida, Natália se deixa cair de joelhos diante de Rodrigo, e, qual abrisse uma torneira ao meio-dia do mais escaldante dos dias, desabotoa-lhe o cinto, e a calça, e a puxa um palmo abaixo, e também a cueca, e eis o volume diante de si, a poucos centímetros dos seus lábios.

Natália ergue o rosto e ainda olha para Rodrigo, que, baixando o seu, devolve-lhe o olhar, e troca-se um algo indescritível, inominável, indizível, um último olhar entre condenado e carrasco, numa intimidade tal que a ambos faz ambos. E, como quase havia feito naquela noite, Natália abre sua boca e, entregue afinal, faz nela entrar fundo o que tem tanto, e por tanto tempo, tão desesperadamente desejado.

2

Sexta-feira, 12 de julho de 2002.

Até pela natureza de sua profissão, psicóloga, Ana Clara sempre foi alguém de índole extremamente liberal. Já atendeu, e ainda atende, tanto em seu consultório quanto no trabalho que desenvolve numa entidade pública que cuida de adolescentes infratores, pessoas com os mais diferentes tipos de comportamentos e problemas, de modo que o pequeno susto que levou ao dar com aquela figura tão feminina diante de si deveu-se única e exclusivamente ao fato de que, em virtude do nome, João Felipe Cordeiro dos Santos, ela obviamente esperava ter com um homem.

De qualquer forma, sua experiência de já alguns anos permitiu-lhe disfarçar a surpresa com eficiência, e desde logo ela soube deixar à vontade o novo paciente, cuja figura chamava muito a atenção não apenas pela citada feminilidade, mas também, e sobretudo, pela beleza. De fato, ele, ou ela, era lindíssima, ou lindíssimo. Acostumada ao cabo de alguns poucos segundos à nova situação, Ana Clara até já sentia em seu íntimo um quê de empolgação por estar diante de uma experiência profissional nova, ela que tanto sempre amou a psicologia, a mais fascinante, como costuma dizer, das profissões, vez que já trabalhou com vários pacientes homossexuais, ou bissexuais, mas nunca, como agora lá estava diante de si, um travesti.

- Tudo bem? – perguntou Ana Clara com um sorriso a tentar quebrar a até certo ponto natural timidez do primeiro contato.

- Tudo bem! – respondeu o travesti que, após uma pequena pausa, perguntou a Ana num tom como a facilitar o desembaraço da situação... – Ficou surpresa ao me ver?

- Pois é... Pelo seu nome, João Felipe, eu não imaginava...

- Eu entendo. Vira e mexe, eu passo por situações como esta...

- Mas fique tranqüila, viu? – disse confortadora enfim Ana ao travesti, referindo-se a ele já no feminino e meio que pondo um ponto final em qualquer possibilidade de constrangimento em virtude da sua tão visível opção. –

Isso não tem nenhum problema no que se refere a nós desenvolvermos um trabalho, caso isso venha a ocorrer...

- Ok!

- Agora, você certamente tem um outro nome... As pessoas não te chamam de João Felipe, eu imagino...

- Eu uso o nome "Andréa".

- Andréa?

- Sim! É como todos me chamam!

- Inclusive a tua família?

- Eu tenho uns problemas com o meu pai, sabe?

- Hum-rum...

- Mas, fora ele, todo mundo me chama de Andréa...!

- Certo! Bem... Antes de você me falar sobre o que te trouxe a procurar a minha ajuda profissional, eu só preciso te fazer uma pergunta que é praxe num consultório de psicologia, tá?

- Sim. Sem problema.

- Quem foi que te indicou o meu trabalho? É que, se você for muito próxima de alguém que eu já esteja atendendo, aí pode ser necessário que eu te encaminhe para um colega, entende?

- Entendo. Mas não será preciso. Ninguém me indicou. Eu sempre passo na frente aqui e vi a placa na porta...

- Ah, sei...

- Aí, como eu não conheço ninguém que pudesse me indicar um psicólogo, e na placa aí na porta tem o número do telefone, eu resolvi marcar uma hora...

- Entendi. Está ótimo, Andréa! Sinta-se, então, à vontade para me falar sobre a razão, ou as razões, que te trouxeram aqui...

O travesti ficou sério. Fez uma longa pausa enquanto olhava bem dentro dos olhos de Ana Clara. Como se tomasse coragem, respirou fundo. Sensível e acolhedora, a terapeuta fez um importante adendo à sua última fala...

- Só uma coisa, Andréa... Nós estamos sob sigilo profissional, tá? Qualquer coisa que seja dita aqui, mesmo que você não volte, ficará apenas entre nós, ok?

- Ok! Obrigada.

- Então, fique à vontade!

Mesmo diante daquela profissional tão ao mesmo tempo séria e cativante, Andréa, acostumada mais do que ninguém às pérfuro-cortantes lâminas do preconceito humano, ainda algo hesitou, até que, afinal, para um alívio que ela própria não saberia descrever em seu coração, disse a Ana Clara...

- Doutora... Eu sou soropositiva. Eu tenho aids.

3

Trêmula ao ter, como um sol a se pôr no horizonte do céu da sua boca, a glande a tocar-lhe a goela, Natália sente, misturado à culpa que algures sempre lhe insiste, um imenso e intenso prazer a crescer e crescer. Prazer quase alívio, é como se ela se sentisse milagrosamente resgatada, içada, ressuscitada, enfim salva ao tocar uma bóia em meio à infindável solidão oceânica do seu cotidiano de desde a esquina. E já não é só a glande que lhe toca a garganta. É a vida que novamente lhe toca o corpo, o tempo que volta ao relógio, o porquê afinal frente ao quê. Ela sorve, absorve, saliva, sibila. Engata-se, envolve-se, envolve, engole. Com as mãos de Rodrigo a agora acolher-lhe a cabeça e afagar-lhe os cabelos, Natália

se entrega novamente, e finalmente, quer crer, de corpo e alma, ao doce vai-e-vem da existência, ao dulcíssimo enfim reencontrado vai-e-vem de uma vida, a sua, que há muito, esquina explosão, não ia nem vinha. E eis, enfim, Natália pensa, e sente, e, entregue, experimenta, sua boca cheia. Sim, ainda, e sempre, e talvez para sempre, sente, e pensa, cheia de culpa. Mas também cheia de prazer, de um prazer em tanto pensou e que de novo sente, cheia de Rodrigo, cheia e plena, cheia de pênis. Sim. Pênis. Pênis de Rodrigo. Pênis, prazer, culpa. Loucura, lucidez, vida. Vida, vida, vida. Morte, morgue, sucção.

Três, cinco, oito, doze minutos. Ruidosamente, Natália traz lábios afora o membro róseo do seu amor. Como se se aliviasse de um descontrolado incêndio intra-tórax, também ruidosamente expira. Levanta o rosto rumo ao dele e novamente os olhares se cruzam. Como aquelas duas ruas, se cruzam. Como a vida dela, a dele, e a de Fernando, e a da doutora Ana Clara, naquela esquina, naquela noite, se cruzam. E Natália por um instante vê com nitidez que, sim, sua vida é mesmo um cruzamento, uma cruz, o cru, uma cruzada, o pênis de Rodrigo a poderosa lança com que doravante lutará contra todos os tantos inimigos, tantos todos tamanhos toda parte.

O novo olhar é trocado de um modo que, claramente para ambos, cada um agora tem para si em definitivo os olhos do outro. Um segundo, três, cinco e, após Rodrigo trazer-lhe carinhosamente para cima com as mãos em suas axilas, eis Natália novamente de pé diante dele. Olhos, halos, hálitos. Beijo. Mucosas, lábios, línguas. Um segundo, três, cinco. Vinte. Vinte e cinco.

Rodrigo se livra de seus sapatos e meias, e enfim totalmente da calça e da cueca que à altura de seus tornozelos haviam ficado. Chamando-a com e pelos olhos, ele agora, mantendo as pernas para fora com os pés a tocar o chão, deita-se na cama no centro do quarto e, sem as dizer, faz Natália escutar duas breves palavras no imperativo...

- Chupa mais!

Mesmo não ditas, ela as ouve de pronto e, tomada por aquele prazer que mistura o da entrega com o de simplesmente se entregar, agora se ajoelha entre as coxas abertas abrigo diante de si. Neste ângulo, o pênis lhe parece ainda maior, mastro, máximo, master monstro manso, e pensa, tentando de pronto sem êxito evitar pensar, que ele, o pênis de Rodrigo, conforme descoberto naquela noite, é, sim, muito maior do que o de Fernando, e culpa, e culpa, e culpa. E, ajoelhada, novamente ela o chupa. E culpa, e culpa, e culpa. E chupa, e chupa, e chupa. Joelhos no chão, ela chupa. Pés no céu, ela chupa. Céu no chão, ela é culpa. E chupa. Esquina, esquiva, escuro, explosão. Faixa, fluxo, farol, fatal. Freada, felação.

4

Fernando nunca perdoou Rodrigo pela situação com a intercambista. Conforme, quase dez anos depois, já com ela casado, ele confidenciaria a Natália, "jamais", por suas próprias palavras, "sairia de sua boca o amargo gosto daquela 'traição'". E, no dia em que ele a ela tal frase disse, mesmo tanto se dando mais de um ano antes do fatídico acontecimento na esquina, o que àquilo potencializaria numa proporção simplesmente incomensurável, Natália, já não mais, àquela altura, conseguindo negar para si mesma a paixão que às escondidas do mundo lhe consumia, sentiu a cega e grossa faca da culpa atravessar-lhe o peito e sair vermelha pelas costas. Naquela noite, a que se seguiu ao dia em que tal

frase do marido ouviu, no escuro, de costas para ele, que, a despeito do relembrado amargor, já parecia dormir profundamente, protegida pelo escuro, sem emitir qualquer som Natália chorou. Chorou, chorou, chorou, chorou e chorou. Chorou um choro que, doravante, por mais que na maior parte do tempo sem soluços ou lágrimas, para sempre ela sozinha choraria.

Ainda quanto a Fernando, ainda no que se refere à atitude de Rodrigo com relação a Heather, no dia que em que ela pegou o avião de volta para a Austrália, ele, Fernando, enquanto toda a família no aeroporto dela se despedia, em casa, sozinho, chorando amargamente o amargo de sua jamais tanta como até então amargura, decidiu peremptoriamente que jamais voltaria a falar com aquele que um dia fora, com aparência tão verdadeira, seu melhor amigo, seu até então único, grande e aparentemente tão verdadeiro amigo. Quanto a ela, Heather, a intercambista, amargamente ele a odiou. Como jamais odiara, a odiou. Com um ódio que jamais concebera em si mesmo poder haver, a odiou. E tanto era o jamais concebido ódio que havia em si, que, lembrando-se dos planos que por ela fizera, ir um dia para Perth, ter com ela um dia em Perth, com ela para sempre um dia em Perth, ainda sobrou o bastante para, auto-envergonhado de sua másculo-apaixonada ingenuidade, e com a boca seca de um fel-biliar amargor, profunda e derrotadamente odiar a si mesmo. E Fernando passou aquela tarde chorando. Chorou, chorou, chorou, chorou e chorou.

Apenas para nunca mais ter que olhar para a cara de Rodrigo, a para ele agora cínica e falsa cara de Rodrigo,

Fernando mudou para o turno da noite no último ano da faculdade, e, para uma inevitável mas, após sabido o porquê, compreensiva tristeza de seus pais, não participou, no início de 93, dos eventos comemorativos da formatura de sua turma. Apenas quase dez anos depois, num casual encontro no museu, após o qual, conforme dito, ele disse à esposa aquela frase que transversalmente a esfaqueou, Fernando voltou a ver aquela cara, aquela para ele cínica, falsa e, remontante a um amaro passado a ser esquecido, cara de Rodrigo.

5

- Eu sou soropositiva. Eu tenho aids.

Sem desviar seus olhos dos olhos verdes do travesti, Ana Clara fez, não o pôde evitar, uma pequena pausa. Tendo já, também por conta de sua experiência na entidade em que paralelamente ao consultório atua, atendido pacientes soropositivos, ela sabia que a sua primeira reação àquela tão complicada revelação seria de suma importância para uma possível continuidade no trabalho que, naquele momento, com aquela primeira entrevista, se iniciava. Contudo, apesar da óbvia gravidade do quanto lhe fora confidenciado por Andréa, esta não parecia a respeito tão abalada como, de modo tristemente

marcante, Ana Clara vira outros estarem ao lhe relatar a mesma situação. Assim, após aquele silêncio de talvez um segundo e meio, com o máximo de naturalidade possível perguntou a terapeuta ao travesti...

- Há quanto tempo?

- Dois anos, mais ou menos.

- Você está com que idade?

- 24.

- E como você descobriu?

Andréa explicou que, junto com outro travesti, Mércia, com quem divide um apartamento, costumava, desde que começou a se prostituir, aos 18 anos, semestralmente fazer o teste. Até que, no momento por ela acima referido, deu positivo. Disse que sempre usou camisinha com os seus clientes, mas que de vez quando aparecia um ou outro que insistia no contrário, oferecendo para tanto quantias irresistíveis, e que, provavelmente, foi num desses tiros a esmo, não raro embalados por maconha, álcool e anfetaminas, que ela se contaminou. Questionada por Ana Clara, ainda que neste primeiro momento apenas de modo superficial, acerca de sua opção pela prostituição, Andréa externou que a dura realidade dos travestis não costuma lhes oferecer muitas outras.

- Se eu tivesse outro caminho, - arrematou. – jamais teria entrado nesta vida de fazer programas... É muito triste, doutora...!

Intuitiva, Ana Clara observava. Disse então...

- Mas, pelo menos, Andréa, com relação a ser soropositiva, você me parece bem fisicamente... Quero dizer, ao menos você está com um aspecto bastante saudável...

- Ah, sim! Graças a deus! Estou com a carga viral indetectável!

- Que ótimo! Você se trata então? Toma um antirretroviral?

- Sim. O kaletra.

- Maravilha! Que bom que você está bem!

Andréa então explicou a Ana Clara que o que a levou a procurar uma terapia não foi em si o fato de ela estar contaminada com o vírus da aids, com isso ela até tem lidado razoavelmente bem. O problema, um árduo dilema em seu íntimo, tem sido um relacionamento que ela vem mantendo nos últimos meses com um homem casado, no princípio mais um cliente, mas hoje já parceiro de uma mútua e ardente paixão.

- Ele está apaixonado, doutora! Está louco por mim!

- E você?

- É... Acho que eu sinto o mesmo...

- E então ele é casado?

- Sim.

- Quantos anos ele tem?

- 34.

- E há quanto tempo ele é casado?

- Parece que uns três anos...

- Tem filhos?

- Tem uma filha pequena. Nenê. Um ano e pouco, acho...

Ana Clara pensava. Analisava. Sobretudo, como sempre lhe foi peculiar, observava.

- Bom... – comentou então. – Acho que isso é bastante comum, não?

- Ah, sim! Muito! Muito mesmo!

- E o quê que tá pegando, Andréa? Por que essa relação com esse homem fez você pensar em procurar uma terapia? Você está apaixonada e fica imaginando se um dia ele vai te assumir ou algo assim?

- Não, não é isso. O problema é o que eu te contei agora há pouco... O hiv!

De pronto Ana Clara entendeu e fez a pergunta que cabia...

- Vocês não usam camisinha?

Ajudando com um leve movimento de cabeça, Andréa respondeu agora com um pequeno quê de auto-reprovação...

- Não.

Pausa.

- E você não disse a ele que tem o hiv?

Lentamente, Andréa repetiu o movimento e a expressão...

- Não.

Pausa.

- Tem medo de dizer?

Tudo igual para o positivo...

- Sim.

Pausa.

- E também tem medo de o contaminar? Ou de já o ter contaminado?

Idem...

- Sim.

Ana fez uma nova pausa. Sempre a observar a paciente novata, decidiu uma linha de abordagem para saber mais sobre aquela situação. A resposta à primeira pergunta que para tanto fez, todavia, instalaria em seu íntimo uma brusca e inesperada tensão, a ponto de, o que é raríssimo, inédito quase, fazê-la perder a concentração justamente numa primeira entrevista...

- Como é o nome dele?

O travesti voltou a relaxar um pouco após a tensão de ter entrado no assunto que lhe era motivo de tudo e, com agora um quase sorriso na boca, explicou...

- Ele tem um nome diferente, sabe? Um nome meio esquisito... Tanto que, no começo, ele me disse um nome falso, Roberto... Mas, depois, na terceira ou quarta vez que a gente saiu, ele me disse o nome verdadeiro...

- E como é o nome?

- Gladston.

6

Tanto o pênis de Rodrigo vai-lhe fundo boca adentro, garganta, goela, gárgula, úvula, que à mente de Natália entrementes vem a lembrança daquela incisiva e ansiosa ânsia de vômito. E vem-lhe aquela tarde, o cinza, o concreto, o túmulo, família Wilson, os travestis e as flores vomitadas. Chupando, chupando e chupando, em prazerosa fúria chupando, ela com clareza compreende o quanto é doentio simultaneamente pensar agora naquilo tudo, naquele momento, naquela tão inversa à deste momento catarse. E Natália tenta de certo modo negar a lembrança. Mas, de certo modo, num a seguir quase imediato, desiste. Atina, num desespero enfim conformado, que, hora após hora, dia após dia, meses,

anos, três, cinco, tudo o que tem feito é tentar negar pensamentos que afinal o tempo todo lhe vêm, o tempo todo tem, o tempo todo lhe têm. Atina que os tentar esquecer assim é neles afinal pensar mais, ou que os tentar de algum modo espantar depois que a rigor já vieram é ainda pior. Dobra-os, multiplica-os, potencializa-os. Sim, compreendeu. Tentar negar o que é, o reafirma. Então, mesmo com culpa, resta-lhe, chupa. Copioso prazer culpado. Como se novamente vomitasse sobre as flores, culpa. Como se quando a se masturbar na cadeira de rodas, chupa. Mesmo em copiosa culpa, chupa. Mesmo em copioso prazer chupando, sente vorazmente chupar-lhe a sua tão sua cópia culpa.

Sentindo que, a continuar ela naquela toada, poderá logo já lhe vir o gozo, Rodrigo carinhosamente traz para cima a cabeça de Natália, sinalizando-lhe tacitamente que de sexo oral ele se sente satisfeito. Num último movimento, ela faz o pênis entrar até o fim por sua boca, possivelmente ganhando-lhe já o início do esôfago enquanto sua testa e nariz tocam o púbis, pêlos a lhe cutucar os agora também por isso quase lacrimejantes olhos abertos. Dois segundos, três, cinco e, centímetro a centímetro, para depois engolir toda a sua saliva impregnada daquele gosto, ela enfim o faz vir para fora. Dirigindo ao parceiro um olhar de presa agonizante, a que ele retribui com um de predador faminto, ambos lenta e ofegantemente expiram. A seguir, num novo gesto de, mais do que entrega, adoração, Natália, agora de olhos fechados, encosta o pênis na lateral do seu rosto e a ele envolve com uma das mãos, abraçando-o, acolhendo-o, com ele dançando parada uma

silenciosa música lenta, trazendo-o o máximo possível para o máximo possível do seu íntimo. Com a outra mão, com carinhoso cuidado, por baixo ela envolve os testículos.

Novamente a conduzindo pelas axilas, Rodrigo pede sem fala a Natália que se levante. Ela o faz. Ei-la já não mais de joelhos, mas diante dele de pé. Erguendo o seu tronco, ei-lo, por seu turno, sentado na cama com as pernas para fora diante dela. Como a um papagaio, num estender de mão ele a ela pede o pé. Entendendo-o de pronto, e já sem tentar evitar lembrar-se do tombo daquela tarde após o vômito, ela se apóia com as mãos nos ombros dele e lhe leva o esquerdo. Ele lhe tira o sapato e, com ele, ela o sente, ou tenta sentir, o "c" da palavra culpa, atira-o num canto do quarto. Tira-lhe a meia e, após um leve beijo no pé, com a letra "u" também a atira. Os olhos conversam e eis Natália com o pé descalço no chão e o direito nas mãos de Rodrigo. E vai-se o sapato ao mesmo canto com a letra "l", e, após também um beijo, a segunda meia a levar a letra "p". E eis Natália descalça. E Rodrigo agora a puxa pelos quadris contra si e, mesmo por sobre a calça jeans, leva-lhe a boca sobre a vagina. Com a força exata para que ela sutilmente o sinta, ele morde, mordisca, pressiona de leve com os dentes. Natália o envolve pelos cabelos e, enlouquecida de desejo, expira...

- Ahhh...!

Olhos. Quase fora das órbitas, olhos e olhares. Rodrigo desabotoa o cinto e a calça de Natália. Baixa-lhe o zíper. Puxa. Revela-se a calcinha branca. As coxas. Os joelhos.

Pernas. Tornozelos. Apoiando-se novamente nele, Natália ergue um dos pés, agora primeiro o direito, e pensa no tombo, depois o outro, o esquerdo, pensa, e eis a calça e o cinto, como que a roubar do gemido de há pouco a letra "a" que completa a palavra, também voando junto ao resto rumo ao canto. E, na cabeça de Natália, voa tudo. Voam destroços, vidro, sangue, vida, flores. Cadeiras de roda. Morte, morgue, mordaça, sucção.

Rodrigo se levanta. Olhos eis desorbitados frente a frente. Próximo ao umbigo, o pênis ereto e úmido de saliva toca-a no ventre. Rodrigo ainda tem no corpo a camisa desabotoada. Natália, a calcinha e o sutiã. Três passos para o paraíso. Três peças para o paraíso. Três sessões de psicoterapia e ei-la, Natália, feita de culpa e vazia dela, a uma esquina do doce inferno do seu paraíso. Olhares, ósculo, hóstia. Esquina, escolha, hospital, hospício.

7

Tensa, praticamente sem ter dormido nos últimos três dias, Ana Clara aperta o botão do sétimo andar no elevador do prédio onde mora sua irmã, Ana Cláudia, que, juntamente com sua mãe, Eneida, a espera para um bolo e um café. Numa das mãos, um pacote colorido envolve um presente, um par de tênis cor de rosa com motivos infantis para sua sobrinha e afilhada, a pequena Manoela. O elevador fecha a porta e começa a subir. Primeiro andar, segundo. Será o seu cunhado o amante de Andréa? Terceiro. Sim, claro, São Paulo é uma cidade gigantesca, mas haverá por aí um outro sujeito de nome Gladston, com a mesma idade, 34, também casado e também com uma filha de um ano e meio? Quarto andar. E se for ele? O

que fazer? Quinto, sexto. Angústia. Apenas amanhã Ana Clara terá com o dr. Clóvis, a esta altura o único que pode lhe ajudar, o único que pode lhe aconselhar, o único, principalmente, com quem pode desabafar sobre tão grave situação. O que fazer? O que fazer? Deus, se for, o que fazer? Sétimo andar. O elevador pára e a porta se abre. Hall. Apartamento 71. Campainha. Medo. Ânsia. Angústia.

- Oi, minha filha! – diz dona Eneida abrindo a porta.

- Oi, mãe.

Mãe e filha trocam beijos. Ana Cláudia aparece em seguida e as irmãs o mesmo.

- E a Manú?

- Dormindo. Mas daqui a pouco a gente acorda ela pra tomar um mingau...

Ana Clara entrega à irmã o presente. Sorrindo, esta lhe agradece. De repente, após uma pergunta absolutamente inocente, com a imediata resposta da mãe a terapeuta leva uma enorme susto, um indescritível tranco na boca do seu estômago, um soco, um murro, um sem chão sob seus pés...

- E aí? Quais são as novidades?

E diz-lhe dona Eneida...

- Novidades? A tua irmã não tem aids!

De fato, o golpe de adrenalina é fortíssimo. Ana Clara chega a sentir uma brusca tontura lhe tomar o corpo. Mas como??? Então o amante do travesti é mesmo o seu cunhado??? E sua irmã e sua mãe já sabem??? E Ana Cláudia já foi até fazer o teste do hiv???

Tentando disfarçar o absurdo susto, resta a Ana Clara perguntar pasma...

- Como assim, mãe?!?

É Ana Cláudia quem explica...

- Lembra do Peninha, meu amigo?

- Aquele que é gay?

- Sim! Bem gay!

- O que é que tem ele?

- Ele estava querendo fazer o exame, o teste lá do hiv... Mas estava com medo, sabe? Aí, como eu já tinha feito quando fiquei grávida da Manoela, eu falei que fazia junto com ele, pra dar uma força...!

- Sim! – participa dona Eneida. – E hoje eles foram buscar o resultado...!

- É! – conclui Ana Cláudia. – Não estamos infectados! Nem ele, nem eu!

Tudo explicado, ao cabo de menos de um segundo, Ana Clara sente sua cabeça dar um nó. De repente ela percebe que, se, por um lado, é ótimo saber que a irmã não está

infectada pelo hiv, ao mesmo tempo, se o Gladston for o mesmo Gladston, ela está correndo um sério risco e, se vier a se infectar, tal se dará com ela, Ana Clara, já sabendo da situação, já sabendo do risco, da probabilidade até. Medo, angústia, ânsia, desespero. O que fazer? O que fazer? Deus, o que fazer?

Pior ainda, para decerto garantir que Ana Clara não dormirá pela quarta noite consecutiva, sua irmã aproveita a ida da mãe até a cozinha por alguns minutos para lhe abordar de um modo reservado...

- Ai, Clarinha... Será que qualquer hora a gente podia bater um papo? Eu queria te pedir uns conselhos... Afinal, além de minha irmã mais velha, você é psicóloga, né?

- Claro, Claudinha! Mas o quê que está acontecendo?

Ana Cláudia muda o tom.

- É o Gladston, sabe?

Ana Clara sente um frio na espinha.

- O quê que tem ele?

- Sei lá, minha irmã... Eu não sei se é impressão minha... Mas, de uns tempos pra cá, eu tô achando ele tão estranho... Parece que tá meio frio, meio distante... Quando a gente transa, parece que não é mesma coisa... Eu queria que você me dissesse se eu devo ficar preocupada ou se de repente é só uma fase que faz parte da vida de um casal...

8

Ao menos pelo que se lembra, aquela festa do trigésimo aniversário de sua grande amiga Carolina, uma amizade dos tempos de colégio, foi o primeiro evento social a que Natália foi sem a companhia de Fernando desde que, exatos três anos antes, em maio de 1999, eles se casaram. Com efeito, desde então e até então, sempre iam juntos a festas, jantares, reuniões familiares, cinema, teatro, o que fosse. Não que tivessem uma vida social muito intensa. Não. Natália nunca foi de muita agitação. Contudo, àquela festa que marcava uma data tão importante na vida da grande amiga Natália não poderia deixar de comparecer, até porque ela própria completaria a mesma idade no próximo setembro, e igualmente esperava os amigos em

sua comemoração. E, não tendo Fernando conseguido voltar da viagem de trabalho que fizera ao Rio naquela tarde, eis Natália, por volta das dez horas da noite daquela sexta-feira, a caminho do salão de festas de um clube alugado por Carolina.

Também ao menos pelo que se lembra, Natália jamais ouviu Carolina lhe falar sobre um primo seu chamado Rodrigo e, quando este aproximou-se apresentando-se, com uma disfarçada empolgação ela se surpreendeu ao ouvir que, qual ela, tampouco ele estava acompanhado. É que, ainda que seu superegóico subconsciente já tivesse rapidamente se encarregado de a fazer o negar para si mesma, ela já havia, desde logo, reparado naquela inequívoca beleza masculina. 34 anos, divorciado, analista de sistemas, como soube a seguir.

- E você, quantos anos tem, Natália?

- 29.

- E conhece a Carol de onde?

- Estudamos juntas no colégio.

Meia hora de conversa. Quarenta minutos, uma. Onze da noite, meia-noite. Quinze para uma, uma. Drinques, música, alegria. Reencontros, abraços, cumprimentos, risadas. Presentes, luzes, pista de dança. Natália e Rodrigo seguem conversando. Blá, blá, blá, blá, blá. Ei-los agora numa varanda onde ninguém os vê. Pausa momentânea. Rodrigo dá um gole e, olhando-a bem nos olhos, diz...

- Eu não imaginava que a minha prima tivesse uma amiga tão linda...

Natália ouve aquilo e de pronto sente um golpe duplo em seu corpo. Um, de adrenalina, na boca do seu estômago. Outro, de progesterona, no vão entre as suas pernas. E, numa mistura explosiva entre ambos, a seguir, um outro golpe, este mais incisivo, seco, amargo, direto, o golpe da culpa. Pela primeira vez, culpa. Como nunca antes, culpa. Como para sempre doravante, culpa. 2002, 2003, culpa. 2004, 2005, 2006, 2007, 2008. Fernando, trabalho, casamento, família. Rio de Janeiro, festa, desacompanhada, primo. "Tão linda", culpa. Sim, Natália gostou do que ouviu. Mas, não, não gostou. Gostou e não gostou de ter gostado. E gostou de não ter gostado de ter gostado. Mas não gostou disso tampouco e, culpada, desgostosa de si por tamanho inequívoco gosto, disse enfim...

- Eu preciso ir...

- Mas já?

- Já é tarde...

Rodrigo novamente olhou bem dentro dos seus olhos.

- Não quer uma carona?

Outro golpe duplo. Triplo. Trava. Tranco.

- Obrigada. Eu estou de carro.